

## **Carta Mensal – Fevereiro de 2009**

### **1. Cenário Macroeconômico – *Paulo Pereira Miguel***

Mantemos a avaliação que fizemos no fim de 2008 que este ano seria marcado por fortes oscilações nos preços dos ativos financeiros, cenário que definimos como "bipolaridade". Tal fenômeno deriva da tensão entre a contração do crédito e da demanda privada a nível global e o esforço das autoridades para compensá-la por meio de maciça expansão fiscal e monetária. Momentos de otimismo devem ser esperados, conforme as ações das autoridades por vezes pareçam estar vencendo e a atividade econômica mostre alguns sinais de ter encontrado um fundo (ou, no mínimo, de redução do ritmo de piora). Por outro lado, a profundidade da recessão e os efeitos defasados em termos de emprego e renda mostram que o período de recessão tem chances de se prolongar por mais tempo, no que alguns economistas definem como padrão "L", que é raro e se assemelha na experiência moderna à trajetória japonesa, ao invés do padrão "V" ou "U" de recessões mais tradicionais.

O problema do padrão "L" de recessão é o contínuo acúmulo de problemas, na medida em que a persistência das condições recessivas mina gradualmente número crescente de empresas antes sadias e compromete de forma mais perene a rentabilidade do investimento e a geração de riqueza. Problemas de financiamento se acumulam e empresas endividadadas vêem o peso de suas obrigações crescer em relação à geração de caixa. A criação de emprego nestas condições permanece fraca e as bases fiscais do estado são fragilizadas. Já não é descabido considerar um cenário como esse dentro do rol de probabilidades, embora ainda minoritária, em uma análise que incorpore 2010 e além, caso as iniciativas dos governos fracassem em restaurar algum dinamismo. Neste caso, teríamos tensões renovadas nos mercados emergentes e fragilização crescente de grande número de países.

No entanto, no curto prazo, talvez nos próximos poucos meses, há uma possibilidade de recuperação da atividade industrial global, tendo em vista o forte ajuste de estoques ocorrido nos últimos meses e a entrada em vigor do pacote de estímulo fiscal americano, que poderá impactar o consumo privado já no segundo trimestre. Além disso, ainda de forma incipiente, os indicadores de confiança industrial nos EUA, Europa e China mostraram estabilização e, no caso de China, houve melhora importante nos indicadores prospectivos de produção. Sendo assim, estamos atentos às possíveis surpresas positivas que podem decorrer destes fatores nas próximas semanas, apesar da permanência de condições financeiras e creditícias pouco favoráveis.

No Brasil, os efeitos da recessão mundial foram largamente sentidos no quarto trimestre. Já está claro que a recuperação da atividade econômica será relativamente lenta, dado o choque negativo de grandes proporções em nossos termos de troca, que eliminou em apenas seis meses os ganhos acumulados entre 2005 e meados de 2008, e a rápida desaceleração do investimento. Tendo em vista a forte queda do PIB no quarto trimestre do ano passado, a pequena recuperação da indústria em janeiro, após queda de 20%, e as restrições à expansão de crédito, não há motivos para crer em uma virada rápida da atividade. De posse dos últimos dados, revisamos nossas projeções de atividade e agora projetamos queda de até 1% no PIB em 2009. Acreditamos que o desemprego atingirá 10% ainda no primeiro semestre e que haverá ligeira queda da massa salarial real, restringindo o consumo das famílias. O cenário mais adverso para o crescimento indica que os riscos de inflação também estão sendo reduzidos. Revisamos nossa projeção de inflação em 2009 de 4,8% para 4,3% e não descartamos um resultado próximo a 4%. Com isso, o espaço para a redução da taxa de juros aumentou e vislumbramos a possibilidade de corte total de 4,5% até o terceiro trimestre, levando a taxa SELIC para 9,25%.

Por fim, mantemos por ora nossa expectativa de superávit comercial de US\$ 10 bilhões em 2009 e de déficit em conta corrente de US\$ 25 bilhões, montante facilmente financiável mesmo considerando a perspectiva de redução dos investimentos diretos neste ano. O risco que nos parece importante monitorar é o de uma deterioração mais rápida do comércio global, que impactaria adicionalmente as exportações brasileiras, sensíveis primordialmente ao volume de comércio internacional e aos preços das commodities, e reduziria o saldo comercial esperado para cada nível de atividade local. Por exemplo, uma queda de 15% no volume de comércio global poderia reduzir o saldo comercial para zero, mesmo após considerarmos a queda de 1% no PIB brasileiro. Tais considerações são mais relevantes em um horizonte mais longo, caso a recessão global realmente se mantenha em um perfil “L” nos próximos trimestres.

## **2. Estratégia Macro – *Marcelo Villela***

O ambiente de mercado no mês de fevereiro se mostrou bastante hostil para os ativos de risco. A questão financeira dos bancos americanos voltou à tona com a divulgação do novo Programa de Assistência logo no início do mês. Aliada a questão financeira nos Estados Unidos, a crise abalou os países emergentes do leste europeu (com destaque para Hungria). Havia se percebido o quanto os bancos europeus tinham grande exposição a esta região e também o quão grave é uma solução para este problema. Por conta disto, os prêmios de risco dos países da região sofreram uma elevação expressiva.

Em contrapartida a questão financeira, a recuperação da atividade industrial (ainda de um ponto bastante baixo) em alguns países de G7 e também da China trouxe um pouco de alento frente aos indicadores econômicos ainda bastante ruins. A China hoje neste contexto de crise econômica é peça fundamental para uma melhora de perspectiva. O pacote fiscal do país, com foco também em infra-estrutura, tem trazido uma expectativa melhor para as commodities. Aliado a isto, o país tem se movimentado para adquirir ativos estratégicos no mundo e também deu indicação de que neste momento seria adequado compor suas reservas com algumas commodities.

Em todo este contexto bastante complicado para ativos de risco, os ativos brasileiros tem se tornado opção de investimento, por serem considerado de risco mais baixo. A diferenciação do Brasil com relação a outros países é clara. A performance dos ativos de renda fixa, moeda e de bolsa é melhor que boa parte dos países emergentes.

Neste ambiente de diferenciação positiva para Brasil, em um mercado de pouco apetite a risco, mantivemos pequenas posições em renda variável, com foco nos papéis mais defensivos e com dividendos mais elevados. Mantivemos ao longo do mês uma posição comprada em volatilidade de algumas ações que também se mostrou bastante rentável.

No mercado de câmbio começamos a estruturar uma carteira mais positiva para o Real, contudo sempre com uma posição vendida em uma moeda com fundamentos piores. O peso mexicano tem se mostrado um bom hedge para a carteira, pois na piora, ele tem a mesma performance que o Real e na melhora, a moeda brasileira supera muito bem. Esta percepção de diferenciação tem se disseminado nas últimas semanas e acreditamos que prevalecerá por bastante tempo.

No mercado de juros continuamos mantendo uma posição aplicada na parte curta da curva. O quadro benigno de inflação, aliado a uma atividade econômica bem fraca, tornam o cenário de queda de juros mais rápido e mais intenso do que nos outros ciclos.

## **3. Estratégia Trading – *Luiz Alberto Marques***

Fevereiro foi um mês de quase soma zero para a estratégia trading. Mantivemos o call de atividade e inflação em níveis baixos, viabilizando resultados positivos na posição dada nos juros, di janeiro 10 e janeiro 12. Por outro lado, a valorização do dólar diante de todas as principais moedas no mundo consumiu o prêmio dos put spreads no mercado de dólar/real. O aproveitamento nos day-trades no mercado de câmbio e bolsa acabou

sendo bastante reduzido, fazendo com que o fundo ficasse muito próximo do benchmark. Obtivemos um pequeno ganho no mercado long and short em commodities.

#### **4. Estratégia Ações - Long Only – Fábio Spinola**

No mês de fevereiro a bolsa apresentou queda de 2,84%. Mais uma vez a elevada volatilidade se mostrou presente, com valorização ao redor de 9,0% no melhor momento (6/fev), para depois fechar o mês em queda. No início do mês, o mercado global continuou otimista com a recuperação da produção industrial. Posteriormente, a atenção se voltou para a reversão de alguns preços spot de commodities e quedas de produção industrial, que começaram a indicar que estávamos passando por um período de re-estocagem (e não uma recuperação de fato). Os fracos resultados das empresas também contribuíram para a reversão do movimento.

Mesmo com o tom otimista que tomou conta do mercado no mês anterior, continuamos acreditando que ainda era cedo para se acreditar em recuperação consistente, e mantivemos nossa percepção de que a bolsa negociaria num intervalo até que o cenário macro se tornasse mais claro. Desta forma, mantivemos nossa estratégia conservadora, com exposição focada em empresas geradoras de caixa, com balanços fortes e, na medida do possível, boas pagadoras de dividendos.

Continuamos com os mesmos temas de investimento do mês anterior: empresas com itens de baixo valor em detrimento daquelas com tickets elevados, desalavancagem de empresas com endividamento atrelado ao CDI/Selic e empresas com flexibilidade em postergar investimentos (e com possibilidade de obtenção de redução no custo unitário do investimento) em detrimento daquelas provedoras de bens de capital. Aproveitamos a alta das cotações durante o mês para diminuir nossa exposição em cíclicos globais por acreditar que o mercado estava precificando uma recuperação prematura. Além destes temas, abrimos posição nos setores de construção civil, em função da expectativa com o pacote imobiliário anunciado pelo governo.

O desempenho do Fundo Quest Ações FIA em janeiro foi negativo em 1,9%, 1,1 p.p. superior ao IBOVESPA do período. O bom desempenho foi consequência da carteira defensiva, focada em elétricas e telefonia, e também em função da redução da exposição em commodities. Os setores que mais contribuíram favoravelmente foram os de elétricas, telefonia e petróleo. Os destaques negativos foram as instituições financeiras, siderurgia e mineração.

Conforme comentado na carta de jan/09, continuamos posicionados no tema de desalavancagem do balanço de empresas com endividamento atrelado ao CDI/Selic e em empresas com elevados dividendos, receitas resilientes e em processo de desalavancagem. Tal tema de investimento pegou tração em fevereiro, fazendo com que a maior contribuição positiva no mês fosse dos setores de elétricas e telecomunicações.

Em relação às commodities, reduzimos nossa exposição por acreditar que o mercado estava superestimando o processo de re-estocagem que o setor estava passando. Com a valorização observada em jan/09, as ações do setor passaram a contemplar uma recuperação, que em nossa opinião, ainda era prematura. Mesmo com os ativos apresentando boas perspectivas de longo prazo, nos pareciam precificados quando observávamos métricas de curto prazo. Nossas posições de Petrobras e OGX tiveram performance positiva nos meses mostrando-se boas seleções de investimento apesar da correção dos preços comentada acima.

Com a divulgação dos resultados de siderurgia e mineração, ficou claro que o risco de volumes para países da OECD tinha crescido substancialmente. Em função disto, optamos priorizar a CSN entre as empresas de siderurgia e mineração. Mesmo com a deterioração das perspectivas da siderurgia, acreditamos que a CSN seja a melhor opção no universo. No segmento da siderurgia, a CSN possui um mix de produtos e uma estrutura de custos mais defensiva. E no segmento da mineração, acreditamos que o risco de volumes seja menor que o da Vale, dado o foco das vendas à China (que é responsável por quase 80% dos embarques). Além disso, os embarques de minério de ferro deverão crescer ao redor de 50%, com as siderúrgicas chinesas priorizando os novos entrantes em detrimento às três grandes supridoras (Vale, BHP e Rio Tinto).

Além de siderurgia e mineração, as instituições financeiras e o setor de construção civil foram os que mais contribuíram negativamente. Em relação às instituições financeiras, nos posicionamos em Itaú-Unibanco por acreditar que seu valuation estava descontado ao considerar as sinergias potenciais e o diferencial de rentabilidade da nova instituição frente aos peers, apesar de um provisionamento maior que o esperado no resultado do 4T08, que a nosso ver, não será recorrente e tornou seu balanço mais forte.

Já o posicionamento no setor de construção civil foi motivado pela expectativa do anúncio do pacote de habitação pelo governo em meados de fevereiro (o que ainda não ocorreu) e o valuation descontado das empresas em face deste novo e possível cenário. Porém a demora para a divulgação deste pacote acentuou a queda na demanda por imóveis neste trimestre e aumentou a percepção de risco de execução destas medidas. Os resultados operacionais do 4T08 de duas grandes empresas do setor também contribuíram negativamente, sendo abaixo do esperado.

Segundo o noticiário e o direcionamento provido pelas empresas do setor, o pacote imobiliário poderá promover mudanças significativas na dinâmica do setor, com o foco em baixa renda. Apesar de não acreditarmos na completa execução do número de unidades comentadas (1 milhão de unidades em 2 anos), dado a burocracia, gargalos operacionais e licenças necessárias, a meta é extremamente relevante quando comparada ao número de unidades lançadas nos últimos dois anos (por volta de 250 mil), e além do que acreditamos estar precificado nas ações. Acreditamos que a baixa renda será a grande beneficiada destas medidas principalmente por conta da redução da prestação mensal (juros menores, troca da tabela Price por SAC e subsídio de parte do seguro), 100% loan-to-value e a postergação de parcelas para o fim do financiamento em caso de desemprego. Continuaremos a monitorar o setor e reaccessaremos a tese de investimento oportunamente.

## **5. Estratégia Ações - Long & Short – *Fábio Spinola***

Os fundos Quest Long Short (LS) e Quest Equity Hedge (EH) tiveram desempenho de 0,95% e 0,81%, respectivamente. E acumulamos 102,1% e 110,5% do CDI no ano respectivamente.

Continuamos investindo em empresas geradoras de caixa, com balanços saudáveis e alinhadas com os temas de investimento citados na carta FIA. Os setores que se destacaram positivamente foram os de elétricas, telefonia e petróleo. O principal destaque negativo foi o setor de instituições financeiras.

Além do setor de elétricas ter performado bem em termos absolutos, a escolha dos pares também se mostrou correta. Posicionamos-nos em Cesp, Eletropaulo e TRPL em detrimento de Tractebel e índice. Com o mercado voltando a precificar as incertezas, optamos por empresas bastante defensivas e com elevados dividendos. Já a posição vendida em Tractebel foi motivada pela redução do payout (que aumentou o diferencial de dividendos entre ela e Eletropaulo e TRPL), bem como pelo risco do preço spot de energia continuar abaixo de R\$100.

O setor de commodities também contribuiu positivamente no mês, com destaque positivo para o setor de petróleo. Mesmo tendo priorizado siderurgia e mineração, nosso posicionamento abaixo do peso do índice, a troca por CSN após os resultados e o posicionamento em OGX e em Petrobras fizeram com que o universo contribuísse favoravelmente no fechamento do mês.

O principal destaque negativo no mês foi o setor de instituições financeiras. Posicionamos-nos em Itaú-Unibanco contra Bradesco por acreditar que o diferencial entre ambos estava muito reduzido em função do mercado não incorporar as sinergias potenciais além do diferencial de rentabilidade entre os dois bancos. Entretanto, conforme comentado na carta FIA, o resultado de Itaú-Unibanco contribuiu negativamente para a performance da ação por conta de um provisionamento maior que o esperado no resultado do 4T08, o que a nosso ver, não será recorrente e tornou seu balanço mais forte. Continuamos a acreditar que o prêmio de Itaú-Unibanco deve aumentar, dado que o múltiplo atual não considera sinergias potenciais.

Por último, cabe ressaltar que mesmo com o desempenho abaixo do índice do setor de construção civil comentado na carta FIA, a escolha dos pares se mostrou correta, dado a pequena contribuição negativa do

setor aos fundos. Optamos por empresas com foco em baixa renda, que apresentaram bons resultados operacionais no 4T08 e valuation descontado. Ficamos vendidos em empresas com fraco resultado operacional no 4T08 e prêmio em valuation.

Acreditamos que o elevado grau de incertezas/baixa visibilidade e alta volatilidade continuarão presentes no curto prazo o que justifica a alocação em empresas mid e large-caps em detrimento das small-caps e exposição bruta ainda reduzida.

## Atribuição de Performance – Fevereiro de 2009

Quest 1 FIM	
Bolsa	0,14%
Bolsa ex-Brasil	0,00%
Dólar	-0,11%
Outras moedas	0,02%
Outros ativos ex-Brasil	0,00%
Inflação Brasil	0,03%
Juros Brasil	0,09%
Caixa	0,86%
Despesas	-0,01%
Custos	-0,12%
<b>Rentabilidade Líquida</b>	<b>0,89%</b>

Quest 30 FIM	
Bolsa	0,21%
Bolsa ex-Brasil	0,00%
Dólar	-0,21%
Outras moedas	0,11%
Outros ativos ex-Brasil	-0,01%
Inflação Brasil	0,05%
Juros Brasil	0,26%
Caixa	0,74%
Despesas	-0,01%
Custos	-0,15%
<b>Rentabilidade Líquida</b>	<b>0,98%</b>

Quest Macro 30 FIM	
Bolsa	0,20%
Bolsa ex-Brasil	0,00%
Dólar	-0,23%
Outras moedas	0,13%
Outros ativos ex-Brasil	0,00%
Inflação Brasil	0,00%
Juros Brasil	0,18%
Caixa	0,90%
Despesas	-0,02%
Custos	-0,15%
<b>Rentabilidade Líquida</b>	<b>1,01%</b>

Quest Ações FIA	
Agronegócio	0,00%
Bens de Capital	0,01%
Construção Civil	-0,87%
Consumo	0,11%
Elétricas e Saneamento	1,07%
Inst. Financeiras e Seguros	-1,29%
Logística e Transportes	-0,18%
Mineração e Siderurgia	-2,26%
Papel e Celulose	-0,01%
Petróleo, Gás e Petroquímica	0,35%
Telefonia, Mídia e Tecnologia	1,10%
Caixa	0,19%
Despesas / Custos / Juros	-0,14%
<b>Rentabilidade Líquida</b>	<b>-1,94%</b>

Quest Long Short 30 FIM	
Agronegócio	-0,01%
Bens de Capital	0,01%
Construção Civil	-0,05%
Consumo	0,02%
Elétricas e Saneamento	0,23%
Inst. Financeiras e Seguros	-0,18%
Logística e Transportes	0,04%
Mineração e Siderurgia	-0,06%
Papel e Celulose	-0,01%
Petróleo, Gás e Petroquímica	0,21%
Telefonia, Mídia e Tecnologia	0,18%
Caixa	0,72%
Despesas / Custos / Juros	-0,16%
<b>Rentabilidade Líquida</b>	<b>0,95%</b>

Quest Equity Hedge FIM	
Agronegócio	-0,02%
Bens de Capital	0,02%
Construção Civil	-0,11%
Consumo	0,01%
Elétricas e Saneamento	0,33%
Inst., Financeiras e Seguros	-0,34%
Logística e Transportes	0,05%
Mineração e Siderurgia	-0,16%
Papel e Celulose	-0,02%
Petróleo, Gás e Petroquímica	0,32%
Telefonia, Mídia e Tecnologia	0,23%
Caixa	0,67%
Despesas / Custos / Juros	-0,14%
<b>Rentabilidade Líquida</b>	<b>0,81%</b>

Quest Iporanga 15 FIM	
Bolsa	0,04%
Dólar	-0,09%
Outras Moedas	0,00%
Inflação Brasil	0,00%
Juros Brasil	0,16%
Caixa	0,84%
Despesas	-0,05%
Custos	-0,10%
<b>Rentabilidade Líquida</b>	<b>0,81%</b>

Itens que compõem Despesas: corretagem, taxas (exceto taxas referidas em custo), cartório, impressos e demais despesas; e Custos: taxas administração, performance e custódia.

## 6. Histórico de Performance

Quest 1 FIM - Histórico de Rentabilidades														
Ano	jan	fev	mar	abr	mai	jun	jul	ago	set	out	nov	dez	Acum.	%CDI
2004	6,65%	2,13%	1,15%	1,23%	1,77%	0,86%	1,06%	1,38%	1,45%	0,96%	1,53%	1,75%	24,11%	149,04%
2005	1,34%	1,82%	1,01%	1,18%	1,76%	1,15%	1,23%	1,35%	1,69%	1,14%	1,78%	1,88%	18,78%	98,87%
2006	3,55%	3,06%	0,50%	2,54%	-1,09%	1,75%	1,53%	2,10%	1,00%	1,76%	1,55%	1,97%	22,11%	146,97%
2007	0,98%	0,88%	1,37%	2,76%	2,54%	0,43%	1,01%	-0,50%	1,41%	2,15%	-0,06%	-0,15%	13,54%	114,48%
2008	-0,25%	0,35%	-2,52%	1,56%	1,26%	-0,73%	-0,19%	0,52%	1,25%	1,20%	1,15%	1,62%	5,26%	42,54%
2009	1,16%	0,89%											2,06%	108,18%
Acum. Desde 2004													119,57%	115,35%
12 meses													7,32%	58,26%
Acum. Desde 2004													119,57%	mar-2009
Quest 30 FIM - Histórico de Rentabilidades														
Ano	jan	fev	mar	abr	mai	jun	jul	ago	set	out	nov	dez	Acum.	%CDI
2004										0,71%	2,90%	2,50%	6,22%	191,44%
2005	1,34%	2,83%	0,62%	0,87%	2,19%	0,48%	0,88%	1,08%	2,14%	0,84%	2,83%	2,55%	20,27%	106,71%
2006	5,78%	4,49%	-0,27%	3,94%	-3,04%	2,37%	2,01%	3,01%	1,09%	2,47%	2,05%	2,89%	29,97%	199,22%
2007	1,06%	1,02%	1,76%	4,53%	4,09%	-0,10%	1,20%	-2,14%	2,23%	3,57%	-0,80%	-0,69%	16,65%	140,85%
2008	-1,27%	0,20%	-5,32%	1,61%	1,57%	-2,18%	-0,48%	0,48%	1,31%	1,43%	1,28%	1,63%	0,00%	n.a.
2009	1,28%	0,98%											2,28%	119,41%
Acum. Início													98,09%	121,11%
12 meses													3,39%	26,98%
Início: 19/10/2004													Atualizado em	mar-2009
Quest Macro 30 FIM - Histórico de Rentabilidades														
Ano	jan	fev	mar	abr	mai	jun	jul	ago	set	out	nov	dez	Acum.	%CDI
2007										2,35%	-0,46%	-0,78%	1,10%	51,95%
2008	-0,35%	-0,58%	-3,33%	1,43%	1,46%	-1,38%	0,25%	0,65%	1,34%	1,82%	1,20%	1,45%	3,91%	31,60%
2009	1,21%	1,01%											2,23%	116,91%
Acum. Início													7,39%	43,66%
12 meses													7,22%	57,44%
Início do Fundo em: 17/10/2008													Atualizado em:	mar-2009
Quest Ações FIA - Histórico de Rentabilidades														
Ano	jan	fev	mar	abr	mai	jun	jul	ago	set	out	nov	dez	Acum.	Ibov.*
2005						0,98%	1,32%	7,34%	9,82%	-1,19%	10,15%	6,85%	40,25%	28,93%
2006	9,34%	7,80%	-1,17%	19,53%	-6,44%	-1,43%	1,58%	2,44%	1,89%	8,25%	6,41%	9,84%	72,26%	32,93%
2007	2,22%	3,53%	4,45%	8,09%	7,92%	3,62%	4,80%	0,21%	9,20%	9,80%	-1,84%	3,10%	70,25%	43,65%
2008	-9,75%	8,24%	-8,97%	8,64%	10,37%	-4,70%	-6,73%	-7,22%	-11,08%	-13,95%	2,56%	5,59%	-27,15%	-41,22%
2009	2,21%	-1,94%											0,23%	1,69%
Acum. Início													200,32%	47,15%
12 meses													-25,25%	-39,86%
Início do fundo: 01/06/2005													Atualizado em	mar-2009
Quest Long Short 30 FIM - Histórico de Rentabilidades														
Ano	jan	fev	mar	abr	mai	jun	jul	ago	set	out	nov	dez	Acum.	%CDI
2007	2,08%	4,86%	1,24%	2,19%	2,65%	1,63%	3,73%	1,00%	0,72%	2,75%	0,58%	2,18%	28,74%	243,08%
2008	-0,70%	1,09%	-1,93%	1,16%	1,66%	1,11%	-0,08%	-0,20%	1,70%	1,44%	1,76%	1,51%	8,79%	71,09%
2009	0,99%	0,95%											1,95%	102,00%
Acum. Início													42,93%	164,49%
12 meses													10,48%	83,40%
Início do Fundo: 28/12/2006													Atualizado em	mar-2009
Quest Equity Hedge FIM - Histórico de Rentabilidades														
Ano	jan	fev	mar	abr	mai	jun	jul	ago	set	out	nov	dez	Acum.	%CDI
2007												2,87%	2,87%	342,31%
2008	0,77%	1,56%	-2,61%	1,44%	1,97%	1,36%	-0,36%	-0,52%	2,75%	2,86%	2,28%	1,92%	14,13%	114,27%
2009	1,28%	0,81%											2,11%	110,44%
Acum. Início													19,89%	137,55%
12 meses													13,87%	95,93%
Início do Fundo: 30/11/2007													Atualizado em	mar-2009
Quest Iporanga 15 FIM - Histórico de Rentabilidades														
Ano	jan	fev	mar	abr	mai	jun	jul	ago	set	out	nov	dez	Acum.	%CDI
2007											0,31%	0,99%	1,30%	114,61%
2008	0,35%	1,22%	1,19%	1,86%	1,14%	0,67%	1,95%	1,02%	1,08%	1,29%	1,09%	1,33%	15,15%	122,50%
2009	1,23%	0,81%											2,05%	107,46%
Acum. Início													19,04%	120,42%
12 meses													15,68%	124,72%
Início do fundo: 21/11/2007													Atualizado em:	mar-09

Para mais informações entrar em contato com:

Fone: 55 11 3526-2250 email: [comercial@questinvest.com.br](mailto:comercial@questinvest.com.br)

As informações contidas neste material são de caráter meramente e exclusivamente informativo, não se tratando de qualquer recomendação de compra ou venda de qualquer ativo negociado nos mercados financeiro e de capitais, A QUEST não se responsabiliza pelas decisões de investimento tomadas com base nas informações contidas neste material, A Quest Investimentos Ltda, não comercializa nem distribui quotas de fundos de investimentos ou qualquer outro ativo financeiro, As informações contidas neste material são de caráter exclusivamente informativo, É fundamental a leitura do regulamento dos fundos antes de qualquer decisão de investimento, Rentabilidade passada não é garantia de rentabilidade futura, As rentabilidades divulgadas não são líquidas de impostos, Todos os fundos de investimento geridos pela Quest Investimentos Ltda, utilizam estratégias com derivativos como parte integrante de suas política de investimento, Tais estratégias, da forma como são adotadas, podem resultar em significativas perdas patrimoniais para seus cotistas, Nenhum fundo conta com garantia da instituição administradora, da gestora ou do Fundo Garantidor de Créditos - FGC, Para avaliação da performance do fundo de investimentos, é recomendável uma análise de período de, no mínimo, 12 (doze) meses, Riscos gerais: em função das aplicações do fundo, eventuais alterações nas taxas de juros, câmbio ou bolsa de valores podem ocasionar valorizações ou desvalorizações de suas cotas, Para obtenção do Regulamento, Histórico de Performance, Prospecto, além de eventuais informações adicionais, favor entrar em contato com a administradora dos fundos da Quest Investimentos Ltda.